

O pajé nas comunidades sateré-mawé

The shaman in the sateré-mawé communities

Valéria Augusta Cerqueira de Medeiros Weigel*
Márcia Josanne de Oliveira Lira**

Resumo: Este artigo aborda questões relacionadas à existência dos pajés das comunidades sateré-mawé da área indígena Marau-Urupadi, na região do médio rio Amazonas. O texto tem base nas observações realizadas pelos membros do grupo de pesquisa do qual participam as autoras e na entrevista concedida pelo pajé Caetano, apontado pelos sateré-mawé como pajé de grande experiência, atuando na formação de novos pajés, bem como no atendimento a comunitários dentro e fora da área Marau-Urupadi, transcendendo as fronteiras do município de Maués, onde se localiza esta área.

Palavras-chave: Pajé; Conhecimento tradicional; Pajelança.

Abstract: This article approaches questions related to the existence of shamans in the sateré-mawé communities of the indigenous area Marau-Urupadi, in the central Amazon area. The text is based on observations carried out by members of the research group in which the authors participate and on the interview granted by shaman Caetano, considered by the sateré-mawé as an experienced shaman, involved in the training of new shamans, as well as attending to the members of communities in and outside the Marau-Urupadi area, going beyond the limits of the city of Maués, which is where this area is located.

Key words: Shaman; Traditional knowledge; Shamanism.

* Doutora em Antropologia.
Professora associada III da
Universidade Federal do
Amazonas. E-mail:
valériaweigel@ufam.edu.br

** Especialista em Literatura.
Professora assistente I da
Universidade Federal do
Amazonas. E-mail:
marcialira@hotmail.com

Introdução

Os Sateré-Mawé, povo Tupi em contato com grupos não índios há mais de três séculos, ocupam um área demarcada e homologada na região do médio rio Amazonas, com dimensão de 788.528 hectares. Seu território compreende duas grandes áreas, denominadas a partir dos rios Marau-Urupadi, das quais a primeira está situada no município amazonense de Maués; e rio Andirá, a segunda, compreendida entre os municípios de Barreirinha e Parintins, Am (Teixeira, 2005).

Nas comunidades sateré-mawé, como em muitas outras comunidades, o serviço de promoção da saúde e atendimento é precário, o que provoca variados problemas, associados à falta de prevenção a diversos males que afetam este povo. A ausência do poder público nos serviços de atendimento à população se faz notar a cada excursão de trabalho do grupo de pesquisa do qual participam as autoras. Por isso, uma figura se destaca nessas comunidades, o pajé, identificado como personagem ao mesmo tempo religioso e curador.

Para saber o que é um pajé, que tipo de formação é necessário para tornar-se um pajé, qual a sua relação com a natureza, os astros, os seres vivos e os espíritos, como ele é formado, quais as suas responsabilidades, como ele trabalha, como se relaciona com os comunitários e com os não índios e por que estão desaparecendo os pajés entre os Sateré-Mawé, fomos buscar as respostas na fala do pajé Caetano, cuja reputação transcende as fronteiras das aldeias.

A conversa com esse pajé aconteceu na comunidade Nova Esperança, no Rio Marau, onde ele mora e onde aceitou nos receber. Embora fale a língua portuguesa, o pajé Caetano fez questão de abordar na língua sateré-mawé as questões a ele propostas, contando com a tradução do professor sateré-mawé desta aldeia. Atentamente ele aquiescia com acenos de cabeça à tradução processada pelo professor ao que ele havia afirmado.

O pajé

Todas as coisas do mundo têm um lado bom e outro mau, nas palavras do pajé Caetano (2010), e o pajé está na comunidade para perceber e mostrar que o lado bom dessas coisas pode ajudar as pessoas e curar as doenças.

A existência do pajé está diretamente relacionada à ideia de existência de dois mundos, um, imaterial onde vivem espíritos capazes de produzir os males que trazem tristeza e destruição ao povo Sateré-Mawé e outro, material, de nossas existências materiais. Os espíritos são descritos, na visão desse povo, como capazes de transitar entre esses dois mundos, inclusive, sequestrar os espíritos das pessoas do mundo material (Kapfhammer, 2004, p. 105).

A função de pajé é desenvolvida majoritariamente por pessoas do sexo masculino, embora se perceba algum interesse da parte das mulheres pelas atividades de cura.

Ao pajé são atribuídas as responsabilidades de aconselhar, curar doenças e preparar rituais tradicionais, através dos quais se ensinam as novas gerações de sateré-mawé. Ele é reconhecido e respeitado em razão do grande conhecimento que constrói sobre o mundo, em razão do que ele estabelece íntimas relações com pessoas, animais, plantas, astros e espíritos ancestrais, a fim de observá-los para aprender sobre eles. Qualquer um pode se tornar um pajé, desde que deseje e assuma isto. Não há qualquer restrição a quem deseja tornar-se pajé, e sua importância na estrutura da sociedade não é negligenciável, diante do grande prestígio de que usufrui o detentor do conhecimento. Lemos Barbosa (*apud* Figueroa, 1997) reconstitui o sentido etimológico da palavra pajé, destacando que *paí* (tupi) era o termo usado para se dirigir a alguns homens de modo respeitoso, dando origem ao termo pajé em língua portuguesa e à atividade de pajelança.

O pajé Caetano explica este processo:

Ser pajé é importante porque ele ajuda pessoas necessitadas, cura doenças; sua relação com os animais é de contemplação, pois ele os observa, para adquirir o conhecimento sobre eles. Quem quiser ser pajé tem que decidir ser pajé e aceitar as tarefas e responsabilidades. Só é possível tornar-se pajé com a ajuda de outro pajé experiente que ajuda na aquisição e apropriação do conhecimento necessário às suas tarefas e responsabilidades. Há pajés de nascença, mas, para ser um pajé que cure e realize os rituais, é necessário seguir os ensinamentos de um mestre, e isto implica o desejo e a decisão pessoal, além da aceitação da responsabilidade que o pajé carrega, senão não conseguirá realizar todas as tarefas.

O respeito e o reconhecimento da competência de um pajé dependem de como ele realiza seu trabalho na comunidade, cujos membros lhes confiam a cura de suas crianças doentes. O pajé reza e benze a criança, realiza o ritual e a criança já se levanta sem problemas, sem dor, sem febre. Essa cura leva a comunidade a avaliá-lo como competente e esta boa reputação se espalha pela comunidade, razão pela qual, ele será considerado, respeitado e protegido.

Uma grande parte dos comunitários procura o pajé para aconselhar-se sobre os problemas cotidianos, para aprender sobre o mundo e em busca de cura para as doenças de maior incidência, tais como a “desmintidura”, muito citada pelo pajé entrevistado como uma das especialidades dele, além de “dor de cabeça, tonteira, coceira e dor no corpo”. As possibilidades de cura, entretanto, não são ilimitadas, o que demonstra clara consciência da necessidade de outros sábios, conforme indica o pajé Caetano: “O pajé deve saber se ele é

capaz de curar as doenças, pois há doenças que só outros pajés serão capazes de curar. Não é qualquer doença que ele pode curar”.

Fracassar em alguma de suas atribuições ou fazer mal uso de seu conhecimento e prestígio pode conduzir à discriminação e até mesmo a ameaças, colocando-o em risco, podendo até vir a ser morto pelos comunitários que o julgarem incompetente. As pessoas começam a dizer que vão matá-lo, pois algumas famílias acusam o pajé de maltratar as pessoas e as famílias dos doentes.

Em sua tese, Figueroa (1997) destaca que há uma quantidade e diversidade relevantes de tipos desse personagem, e a diversidade de sentidos de seu papel distingue-se entre os pares contrastivos (verdadeiro/falso, antigos (tradicionais)/novos (inovadores, modernos), pajé/curandeiro) e entre as especialidades. A citada pesquisadora destaca ainda que “trata-se de uma atividade em transformação”, pois, embora fosse uma atividade de pessoas de mais idade, mais experientes, já se constatavam pessoas mais jovens atuando como pajés.

A formação de um novo pajé

Uma pessoa só se torna pajé com a ajuda de outro mais experiente, o que favorece a formação de gerações de pajés dentro da mesma família, neste caso, o filho sempre será um potencial pajé, uma vez que se aprende com o pai uma boa parte dos conhecimentos necessários ao aconselhamento e às práticas de cura e dos rituais, pelas longas jornadas de convivência. A proximidade com o pai, bem como a observação e a participação direta ou indireta nas curas e rituais fazem do jovem indígena sateré-mawé um pajé por excelência, considerando ainda a afetividade característica dessa relação de aprendizagem. Aceitar as responsabilidades inerentes a essa função e assumir o desejo de ser pajé estão na base da disciplina de que o jovem indígena precisa para adquirir os conhecimentos necessários, conforme a recomendação do pajé Caetano: “Ele segue o pajé e precisa fazer tudo o que o mestre orientar e do jeito como ele ensinar”.

Durante a formação, o jovem indígena precisa acompanhar sempre o mestre, que o proíbe de se relacionar com mulheres e constituir família. Após a formação, nada o impede de relacionar-se com mulheres e procriar, já que o “celibato” só é exigido, no período de formação para que o tempo e a atenção não sejam canalizados para outros fins, pois o aprendizado em curso demanda muita dedicação para a observação e experimentação.

Ao final da formação, o pajé mais experiente que prepara o mais jovem propõe “evidências” de conhecimentos, ao longo de um mês, para testar se

o novo pajé está apto a realizar as práticas de pajelança. O novo pajé deve mostrar ao mestre que adquiriu conhecimentos bastantes para preparar e realizar os rituais com competência, bem como fazer uso das ervas para a cura e interpretar os fenômenos da natureza de modo coerente com a cultura desse povo. É, portanto, o mestre quem decide se o jovem pajé está pronto para o exercício dessa função de grande responsabilidade e em cujas mãos depositam-se as esperanças de cura de boa parte dos comunitários. O novo pajé é considerado apto a atuar sozinho na ocasião em que o mestre avaliar seu desempenho como satisfatório, disser-lhe que está pronto e afastar-se dele, então, ele poderá desempenhar sua função de modo autônomo.

O trabalho do pajé

Como já se disse no início deste texto, o pajé é um grande observador da natureza, dos animais, das plantas, dos astros e de tudo o que existe no mundo. Sua principal atividade é dedicar-se à compreensão do mundo e perceber como os elementos da natureza podem ajudar nos processos de cura das doenças que acometem os comunitários de seu povo, como explica o pajé Caetano:

Na observação dos astros, da natureza, dos espíritos, dos animais e de tudo o que existe, percebe-se que todos, por si mesmos, podem prejudicar as pessoas [...]. Eles mesmos têm essa força de agir (ambivalente) daquela forma [...] o pajé descobre qual é a força que leva a pessoa a desenvolver os sintomas das doenças. Ele está na comunidade para perceber e mostrar o lado do bem que as coisas da natureza têm para ajudar e curar as pessoas.

Pode-se inferir, portanto, a complexidade do trabalho do pajé, que transita entre a orientação espiritual e medicinal, além de agir para disseminar os conhecimentos e práticas culturais características de seu povo.

Há uma forte conexão do trabalho do pajé com os espíritos dos ancestrais, com os quais ele se comunica, a fim de instruir as práticas e ajudá-lo a manter as tradições dos rituais, conforme se observa na descrição a seguir:

Antigamente, os pajés usavam uma erva chamada *ka'pí*, uma planta trepadeira cuja folha tem a forma de coração, bem fina e verde. Os pajés a amassavam para obter um suco para usar no ritual de comunicação com os espíritos. Hoje, os pajés usam cachaça, mas não é qualquer uma, é só a de garrafa. Se o pajé estiver realmente trabalhando com os espíritos, ao concluir o trabalho, seu corpo não apresentará alterações do efeito do álcool, isto é, ele estará em boa forma e lúcido, porque são os espíritos que consomem a bebida. Se o pajé ficar embriagado é porque está mentindo, ou seja, não estavam se comunicando com nenhum espírito, pois estava consumindo ele próprio a cachaça.

Figueroa (1997) e Kapfhammer (2004) referem-se também ao uso de plantas e bebidas alcoólicas como diferencial entre as práticas tradicionais e as modernas, referindo-se ao consumo de ervas psicoativas - o paricá, a maconha e o ka'pi - pelos pajés tradicionais e de cachaça pelos pajés modernos.

Gentil (2005, p. 7) também descreve o uso do ka'pi nos rituais tukano: “Os homens passaram a fazer as Cerimônias e os Rituais, tomando bebidas alucinógenas como o Kahpí (Ayawasca) e Paricá”, referindo-se a um período mitológico em que o Sol - Deus da Pedra Quartzo - teria dado ordem para que se tomassem das mulheres as Cerimônias, o uso do paricá e seus poderes.

Desse modo, o conhecimento das plantas torna-se essencial à formação de um pajé, a fim de que as conheça e as distinga bem, para o bom preparo de ferramentas para a realização dos rituais.

A continuidade da função de pajé entre os Sateré-Mawé

Aparentemente há uma redução da quantidade de pajés em atuação nas comunidades sateré-mawé. O pajé entrevistado afirma haver, de fato, um certo desinteresse das novas gerações pela formação para as práticas de pajelança, uma vez que “Os jovens não têm mais vontade de ser pajé. [...] ninguém mais quer aprender a realizar os rituais” (Caetano, 2010). Destaca-se, entretanto, que “Há entre as mulheres o desejo de aprender especificamente como curar ‘desmintidura’, mas é só” (*idem*). Essa questão de gênero na prática de pajelança também é referida pelo pajé tukano Gabriel Gentil (2005, p. 7), referindo-se à criação do mundo em que a existência da mulher teria precedido a existência do homem e em um “Terceiro Tempo”, as “Mulheres eram Pajés-Mulheres. Eram da tribo Gente Pedra, tinham muitas forças e poderes. Realizavam rituais e curas materiais e espirituais”. Descreve ainda o domínio das mulheres sobre os homens “Elas pretendiam ser masculinas e mandavam nos homens. Os homens viviam a vida feminina, as mulheres queriam transformar os homens em fêmeas”.

Essa aparente carência de pajés para atuar nas comunidades se explica em razão de fatores exógenos, isto é, a atuação das missões religiosas de tendência evangélica, sobretudo, que condenam as práticas de pajelança, uma vez que “A Igreja está por trás disso também, porque os evangélicos dizem que os rituais são diabólicos e que os que a praticam vão acabar queimando no fogo do inferno” (Caetano, 2010). Assim, uma parte dos comunitários, adepta das práticas evangélicas, afasta-se do pajé e de suas práticas por medo das maldições que lhe são prometidas pelos líderes religiosos.

Sobre essas maldições, um pajé tukano escreveu:

As Cerimônias são ensinamentos tradicionais, na linguagem dos Pajés. Os Tukano atualmente não estão gerando novos Pajés, nem Kumuã, nem

Bayaroa. Hoje pouca gente pratica os rituais. Passei muitas dificuldades colhendo informações, por mais de vinte anos. Os velhos indígenas, mesmo quando sabiam, não queriam contar as histórias antigas, os mitos e Cerimônias, porque passaram a acreditar que suas crenças eram coisas do “demônio”, conforme estava-lhes inculcando a catequese dos missionários. (Gentil, 2005, p. 4-5).

O pajé entrevistado afirma não ser responsável pela formação de qualquer jovem, no momento. Mas isso não chega a causar preocupação, pois essa ausência de manifestações de interesse, talvez, não seja tão prejudicial, porque ainda há muitos pajés, mesmo em face da inexistência de manifestações de interesse pelas atividades de pajelança, conforme explica o pajé Caetano:

Nenhum jovem manifestou a mim o desejo de ser pajé. Ainda não há preocupação, porque há muitos pajés nas aldeias. Muitos deles não querem se identificar, na verdade, para se preservar da discriminação de que sofrem. Outros têm outras ocupações às quais se dedicam mais tempo, deixando de atuar e preparar os rituais de pajelança. Alguns que se formaram na comunidade e outros formados fora da comunidade me procuram para complementar a formação. Os não indígenas valorizam bastante o trabalho do pajé. Hoje sou chamado pelos não índios, na cidade de Maués, para curar ‘desmintidura’.

Na verdade, não há o desaparecimento. Os pajés assumem uma vida discreta, incluindo outras ocupações, tais como suas roças, como estratégia para escapar às discriminações que passam a ocorrer com a abertura a outras práticas religiosas. Por outro lado, como aponta o pajé Caetano, há também uma grande procura pelos trabalhos do pajé fora das comunidades sateré-mawé, entre a população não indígena, para as práticas de cura, principalmente. A boa reputação se espalha e vai além das fronteiras das comunidades sateré-mawé e chega às populações igualmente desassistidas pelo poder público no que concerne aos serviços de promoção de saúde e tratamento de doenças.

Tanto o desinteresse entre as novas gerações quanto à discricção assumida pelos pajés no empreendimento do xamanismo parecem fazer parte do contexto de transformações socioculturais vividas por esse povo nas últimas décadas. A análise que Kapfhamer (2004) faz dessas transformações em processo entre os Sateré-Mawé da área indígena do Rio Andirá/AM aponta o movimento evangélico como importante incentivo de mudanças culturais que atingem primordialmente o xamanismo. Tais mudanças, para o autor, resultam das críticas que os Sateré-Mawé “crentes” fazem ao fato de o pajé identificar a doença como resultado de uma ação mágica maléfica e, ao fazer o diagnóstico da doença, ele aponta sempre “alguém” que a causou. Essa culpabilidade atribuída a alguém dá lugar a desejos de vingança e violência entre os parentes. Afirma o autor:

[...] o alvo da crítica dos crentes não é tanto a maior ou menor eficácia das técnicas curativas citadas, senão as conseqüências de um conceito sociológico básico do xamanismo sateré-mawé; a crítica principal dos crentes com relação ao xamanismo dirige-se contra a identificação de enfermidades como conseqüência de um ato mágico danoso, ou seja, contra aquela prática comum dos xamãs nos seus rituais de cura, de combinar o diagnóstico com a identificação do “causador” da enfermidade (Kapfhamer, 2004, p. 106).

Os valores e paradigmas sociais trazidos pela cultura ocidental-cristã – como as ideias de *amor e perdão* – contribuíram para que os Sateré-Mawé, assim como os demais povos indígenas latino-americanos (Sullivan, 1988), fundamentassem discussões endógenas com relação aos conflitos ainda existentes entre os grupos consanguíneos (os clãs). Desse modo, a busca por consolidar uma nova ordem social em que a diversidade interna seja vivida de modo pacífico parece estar na base da negação ao xamanismo e ao desinteresse pela formação de novos pajés.

Por outro lado, entre as comunidades sateré-mawé católicas existe uma forte aceitabilidade do xamanismo. Embora no passado colonial os missionários católicos também tenham perseguido xamãs e pajés de todos os povos indígenas por eles catequizados, essa atitude transformou-se fundamentalmente depois do Concílio Vaticano II, na década de 1960 (Weigel, 2000). As ideias católicas quanto ao trabalho missionário passaram a respeitar as culturas indígenas e, nesse âmbito, o xamanismo perdeu o caráter de prática demoníaca. Essas ideias contribuíram para resguardar o trabalho do pajé das críticas endógenas nas comunidades sateré-mawé católicas.

Na área Marau-Urupadi, onde mora o pajé entrevistado, a maioria das comunidades é católica e, por isso, ainda é muito grande a aceitação e a procura pela ação do pajé. Enfermeiros não-índios que atendem nos postos de saúde desta área referem que, antes de procurar terapias da medicina ocidental, os comunitários sateré-mawé sempre procuram o pajé, sendo este a indicar se o caso é uma “doença de branco”, exigindo o uso de remédios para a sua cura. Só então o enfermeiro é procurado.

Algumas considerações finais

A atividade do pajé entre os Sateré-Mawé encontra-se no âmbito das transformações por que passa esse Povo, inserido que está no feixe de relações socioculturais, econômicas e políticas engendradas com os grupos da sociedade envolvente.

De um lado, as reelaborações nas mitopraxis dos sateré-mawé crentes articuladas ao poder simbólico de representações no campo das terapias da

medicina dos não-índios têm contribuído tanto para desestimular a continuidade das atividades xamânicas entre os jovens, quanto para a negação dessa prática entre os evangélicos.

Por outro lado, as transformações operadas nas próprias práticas dos pajés – que procedem à incorporação de novos elementos em seus rituais e em sua base discursiva – além do movimento pela defesa das culturas indígenas, têm possibilitado condições de continuidade do trabalho do pajé, principalmente entre as comunidades sateré-mawé católicas.

Referências

CAETANO, Pajé. *O trabalho dos pajés nas comunidades sateré-mawé*. Entrevista realizada, em 10/2/2010, na comunidade Nova Esperança/Rio Marau – Maués, AM, por Valéria Augusta Cerqueira de Medeiros Weigel, 2010.

FIGUEROA, A. L. G. *Guerriers de l'écriture et commerçants du monde enchanté: histoire, identité et traitement du mal chez les Sateré-Mawé (Amazonie centrale, Brésil)*. Tese (Doutorado) - École Pratique des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 1997.

GENTIL, G. S. *A minha história: Gabriel Gentil*. Centro de Pesquisa Leônidas e Maria Deane. Ministério da Saúde: FIOCRUZ. 2005.

KAPFHAMER, W. De “sateré puro” (Sateré sese) ao “novo sateré” (Sateré pakup): mitopraxis no movimento evangélico entre os Sateré-Mawé. In: WRIGHT, Robin (Org.). *Transformando os deuses: igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

SULLIVAN, L. E. *Incachu's drum. An orientation to meaning in South American religions*. Nova Iorque: MacMillan, 1988.

TEIXEIRA, Pery. *Os Sateré-Mawé: retrato de um povo*. Manaus, AM: UFAM / UNICEF, 2005.

WEIGEL, V. A. C. M. *Escola de branco em maloka de índio*. Manaus: EDUA, 2000.

Recebido em 24 de janeiro de 2011

Aprovado para publicação em 6 de maio de 2011

